

**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico

**Evento:** XXI Jornada de Pesquisa

## **REFLEXÕES SOBRE AS DIFERENÇAS NUM ESPAÇO ESCOLAR: DEFICIÊNCIA OU POTENCIALIDADE DE FERNANDA?<sup>1</sup>**

**Silvana Matos Uhmman<sup>2</sup>, Noeli Weschenfelder<sup>3</sup>.**

<sup>1</sup> Pesquisa realizada no período de mestrado na Unijuí

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da Unijuí.

<sup>3</sup> Professora Dr<sup>a</sup> do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da Unijuí.

### Introdução

A humanidade revela um percurso marcado por obstáculos, injustiças e limitações das pessoas que apresentam marcas de diferença. A condição de ser diferente revelou por muito tempo situações de difícil sobrevivência, desenvolvimento e convivência social. Os registros históricos apresentam grandes barreiras na aceitação das pessoas com deficiência, uma vez que muitas foram as formas de exclusão destinadas a estes sujeitos.

Martins (1997) circunscreve a noção de exclusão vinculada à sua dimensão social afirmando ser:

[...] um momento da percepção que cada um e todos podem ter daquilo que concretamente se traduz em privação: privação de emprego, privação de meios para participar do mercado de consumo, privação de bem-estar, privação de direitos, privação de liberdade, privação de esperança (p.18).

Somando-se a essas ideias, excluir para Bonetti (1998) significa “expulsar do mundo dominante, significa literalmente pôr para fora dos parâmetros e das normas que regem as relações sociais” (p. 15). Este significado de exclusão é complementado por Haddad (2007) o qual afirma que os sujeitos permanecem distantes do “processo de construção da sociedade, da vivência e garantia dos seus direitos de cidadania” (p.10).

Sem dúvida, muito ainda precisou-se avançar pois as compreensões ligadas aos sujeitos com deficiência de alguma forma estavam inseridas numa lógica inferior às demais. Nisso, Santos (2009) destaca:

Só o passado como opção e como conflito é capaz de desestabilizar a repetição do presente. Maximizar essa desestabilização é a razão de ser um processo educativo emancipatório. Para isso, tem de ser, por um lado, um projeto de memória e de denúncia e, por outro, um projeto de comunicação e cumplicidade (p.18).

Ao compreender as ideias do autor acima, faz-se importante a compreensão de que se está diante de um conflito necessário e, com isso, oportunidade de avançar. Mais do que um conflito, instaura-se uma nova cultura diante das singularidades dos seres humanos que busca transformar uma sociedade que reconhece a diversidade. Assim, em meio a uma trajetória em prol do reconhecimento das diferenças, avançou-se na busca pelo direito e aceitação da diversidade, que sempre existiu, mas que apenas com o passar do tempo foi tendo possibilidades de mostrar-se também pertencente da sociedade. Legislações atualmente garantem melhores condições de

**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico

**Evento:** XXI Jornada de Pesquisa

existência destas diferenças nos meios sociais - Constituição Federal de 1988, Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996, Política de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva de 2008, entre outras.

Entretanto, mesmo com uma série de avanços, vivenciamos uma sociedade que por vezes ainda passa a “reduzir muitas gentes e muitas causas ao silêncio” (SANTOS, 2009, p.35). Frente a isso, faz-se o seguinte questionamento: O que fazer para não silenciar as diferenças? Com o intuito de aproximação deste questionamento, este trabalho apresenta o objetivo geral: Refletir sobre o entendimento de diferença num contexto escolar. E, para tanto, busca como objetivos específicos: a) aproximação com uma turma de alunos que frequente um aluno com deficiência; b) acompanhar durante uma semana a dinâmica da sala de aula; c) refletir sobre as vivências junto a este contexto escolar à luz de teóricos que possam problematizar o tema.

### Metodologia

Em âmbito bibliográfico, este estudo concentrou-se em materiais impressos sobre o tema cujo objetivo, segundo Leonardo (2002, p. 13) “é colocar o pesquisador em contato com a literatura já produzida que embasa a sua pesquisa” e a partir daí a possibilidade de remeter às suas contribuições. Neste sentido ao falarmos sobre diversidade em sociedade, alguns apontamentos calcados em estudiosos podem ser feitos, tais como: Canclini (2007), Santos (2006, 2009) e Carvalho (2008).

Ainda, este trabalho partiu de uma experiência em uma turma de 3º ano de uma escola estadual do interior do estado do Rio Grande do Sul, na qual uma aluna com Síndrome de Down acabara de se matricular. As observações centraram-se em um período de cinco dias, ambos no turno da tarde e das 13:30/16 horas. Com o auxílio do diário de campo, foram sendo registradas informações importantes sobre o entendimento das diferenças na presente turma, bem como as vivências de Fernanda junto à turma e professores.

### Resultados e discussões

Tudo começou em uma segunda-feira quando Fernanda, uma menina com Síndrome de Down chegou à sua nova escola, um tanto tímida, cabisbaixa e apreensiva. Muitos alunos brincavam e corriam no pátio da escola e Fernanda logo sentou-se no banco perto de sua sala de aula, pois após sua irmã ir embora e explicar a ela que ao final da aula viria lhe buscar. Fernanda foi olhada com estranhamento, algumas crianças maiores riram e afastaram-se de onde ela estava. Sobre isso, Skliar (2003) explica o conceito de anormalidade que por vezes é estabelecido sobre aqueles que fogem da norma e do que é tido como correto sobre o outro. Ainda, segundo Carvalho (2008):

No caso das pessoas com deficiência, suas diferenças ganham conotações importantes e, como num eco, reverberam sob a forma de preconceitos que banalizam suas potencialidades. Tais pessoas costumam ser percebidas pelo que lhes falta, pelo que necessitam em termos assistenciais e não pelo seu potencial latente e que exige oportunidades para manifestação e desenvolvimento (p.17).

Quando o sinal tocou, a professora se dirigiu até a sala e todos vieram correndo lhe encontrar, mas quando Fernanda se aproximou, um silêncio surgiu e todos ficaram preocupados. O estranhamento da diferença impactou aquela turma que anteriormente não vivenciou nenhuma experiência deste

**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico

**Evento:** XXI Jornada de Pesquisa

tipo. A aula foi transcorrendo normal, exceto o fato de Fernanda não interagir com os colegas e a professora também demonstrar insegurança com relação as atividades que desenvolveu. Fernanda não realizou nenhuma atividade e não participou de nenhuma brincadeira. Parecia que o fato de sua diferença, visível desde sua fisionomia, reservava a ela a condição de não existência em sala de aula e, como se todas aquelas pessoas pensassem que Fernanda não fosse capaz de aprender. Três dias assim se passaram e a exclusão de Fernanda era visível.

Sobre isso Boaventura Souza Santos nos ensinou que:

É necessário construir uma utopia crítica que nos possibilite pensar em uma sociedade na qual a diferença humana não se transforme em desigualdade e que a exclusão seja substituída por processos de participação, pois temos o direito a sermos iguais sempre que a diferença nos inferioriza; temos o direito de sermos diferentes sempre que a igualdade nos descaracteriza (SANTOS, 2006, p.54).

Corroborando com as ideias do autor, entende-se que a existência desta diversidade só se dará frente ao respeito e legitimação das vivências e saberes daqueles que não nos habituamos. E foi isso que felizmente aconteceu naquela sala de aula de 3º ano que, ao começar a dar lugar à diferença, começou a entendê-la de uma forma positiva.

Voltando às anotações em diário de campo, no quarto dia de aula, todos deveriam fazer um desenho que representasse a história contada pela professora. Todos receberam uma folha em branco e tiveram um tempo para realização da atividade que, ao final, deveria ser apresentada por cada aluno. Como combinado, todos foram apresentando seus trabalhos e, quando chegou no final da sala, Fernanda era a última pessoa que ainda faltava e aguardava segurando seu trabalho com um grande sorriso no rosto. Receosa, a professora chamou-a e Fernanda mostrou seu desenho a turma - para a surpresa de muitos, Fernanda também possuía coisas para mostrar. Seus colegas, quase todos riram, mas agora uma risada de companheirismo e felicidade, pois aquela colega que antes haviam deixado de lado, agora começava a ser entendida como pertencente daquela turma.

A partir daquele momento, a professora trouxe Fernanda para mais perto de todos e começou a envolvê-la nas atividades, junto dos colegas. Cenas de companheirismo e respeito às diferenças começaram a ser percebidas, pois agora o que estava em questão não era a deficiência de Fernanda, e sim suas potencialidades. O que precisava ser entendido naquela turma era que a condição de deficiência não levava Fernanda à condição de incapacidade, pelo contrário, Fernanda tinha muito o que mostrar.

Com base nas ideias de Canclini (2007), a existência da diversidade está dada em todas as situações de encontro de pessoas, e ela só será reconhecida frente ao respeito daqueles a que não nos habituamos a conviver e, mais do que isso, quando as interações entre os distintos sujeitos (com e sem deficiências) sejam valorizadas. Admitir um novo foco de compreensão para uma sociedade que se quer inclusiva implica, segundo os conceitos de Canclini (2007):

Sob concepções multiculturais, admite-se a diversidade de culturas, sublinhando sua diferença e propondo políticas relativas de respeito, que frequentemente reforçam a segregação. Em contrapartida, a interculturalidade remete a confrontação e ao entrelaçamento, àquilo que sucede quando os grupos entram em relações e trocas. Ambos os termos implicam dois modos de

**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico

**Evento:** XXI Jornada de Pesquisa

reprodução social: multiculturalidade supõe aceitação do heterogêneo; interculturalidade implica que os diferentes são o que são, em relações de negociação, conflito e empréstimos recíprocos (p.17).

Seguindo estas compreensões, mais do que reconhecer a multiculturalidade, deve-se compreender e compactuar com a interculturalidade: uma vez que ser diferente - marcado por diferenças de ordem cognitiva, sensorial e/ou motora - não pode excluir ninguém de relações e espaços sociointerativos. Ao querer ser parte da sua turma, Fernanda demonstrou que sua diferença não é sinônimo de incapacidade, mas representa apenas uma diferença entre todos os seus colegas - que por sua vez também são diferentes.

Com as palavras acima de Canclini (2007), fica claro que as diferenças fazem parte da sociedade e que estas podem representar distintos modos de representações sociais. A escola com a qual se envolveu na realização deste trabalho pareceu perceber os aspectos multiculturais a que o autor relata: matriculando uma aluna com Síndrome de Down, preocupando-se por ora nas adequações que deveria realizar na frequência da aluna na escola. Entretanto, foi apenas quando ‘entraram em relações de trocas’ que Fernanda pode ser mais do que aceita, mas pertencente de sua turma em relações de interação com saberes, colegas, professora e toda a escola.

### Conclusão

Na sociedade atual existe uma diversidade imensurável de diferenças que nada tem a ver com empecilhos. Pelo contrário, uma nova concepção de diferença deixa claro as contribuições desta diversidade que, ao afastar-se de entendimentos negativos, percebe a deficiência através de suas potencialidades. Fernanda não quis ser entendida simplesmente como deficiente, e acabou demonstrando que sua diferença é apenas uma dentre toda a diversidade da sua sala de aula. Skliar (2003) explica ‘se o outro não estivesse aí’ certamente não haveria palavra, não haveria relação, não haveria vida humana. A pergunta de pesquisa: ‘O que fazer para não silenciar as diferenças?’ vem justamente no sentido de buscar percebê-las e entendê-las como legítimas, não apenas aceitando-as, mas permitindo interações destas diferenças em todos os espaços sociais.

Enfim, a sociedade atual perpassa a exigência de um novo entendimento que, mais do que conhecer, precisa legitimar os diferentes sujeitos que cada vez mais se fazem presente em distintos espaços sociais. Miranda (2010) contribui: “a escola deve substituir a lógica da homogeneidade, instituída em sua ação educativa, pela lógica da diversidade, para atender às diferenças dos seus educandos e atenuar, na medida do possível, os efeitos dessa desigualdade sobre o indivíduo” (p.25). O que se quer nesta instância é conceder oportunidade de direito para a permanência das diferenças, pois se anteriormente o meio social era privilégio de alguns, hoje deve buscar dar condições de respeito e aceitação. Isto numa perspectiva intercultural exige o entendimento de avançarmos na compreensão em que “admite-se a diversidade de culturas, sublinhando sua diferença e propondo políticas relativas de respeito, que frequentemente reforçam a segregação’ para “àquilo que sucede quando os grupos entram em relações e trocas”. Assim, não apenas são matriculados alunos com deficiências nas escolas, mas propiciadas interações e trocas de saberes e experiências entre estas diferenças.

### Referências

**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico

**Evento:** XXI Jornada de Pesquisa

- BONETTI, L. W. (Coord.). Educação, exclusão e cidadania. Ijuí: Unijuí, 1998.
- CANCLINI, Néstor García. Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.
- CARVALHO, Rosita Edler. Escola inclusiva: a reorganização do trabalho pedagógico. Porto Alegre: Mediação, 2008.
- HADDAD, S. Educação e exclusão no Brasil. São Paulo: Observatório da Educação/ação Educativa, 2007.
- KASSAR, Mônica de Carvalho Magalhães. Marcas da história social no discurso de um sujeito: uma contribuição para a discussão a respeito da constituição social da pessoa com deficiência. In. Relações de ensino: análises na perspectiva histórico-cultural (Cadernos CEDES 50). Unicamp: Campinas (SP), 2000.
- LEONARDO, Miguel. Noções elementares da pesquisa científica. Serra Talhada: Esdras Graphic, 2002.
- MARTINS, José de Souza. Exclusão social e a nova desigualdade. São Paulo: Paulus, 1997.
- MIRANDA, Cleusa Regina Secco. Educação Inclusiva e escola: saberes construídos. Dissertação de mestrado. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2010.
- SANTOS, Boaventura de Souza. A gramática do tempo: para uma nova cultura política. São Paulo: Editora Cortez, 2006.
- SANTOS, Boaventura de Souza. Para uma pedagogia do conflito. In. FREITAS, Ana Lúcia Souza de; MORAES, Salete Campos de. Contra o desperdício da experiência: a pedagogia do conflito revisada. Porto Alegre: Redes Editora, 2009.
- SKLIAR, Carlos. Pedagogia (improvável) da diferença: e se o outro não estivesse aí? Rio de Janeiro: DP&A, 2003.